



PSICANÁLISE

Gina Khafif Levinzon

# A criança adotiva na psicoterapia psicanalítica

*5ª edição revista e ampliada*

**Blucher**

A CRIANÇA ADOTIVA  
NA PSICOTERAPIA  
PSICANALÍTICA

Gina Khafif Levinzon

*5ª edição revista e ampliada*

*A criança adotiva na psicoterapia psicanalítica, 5ª edição*

© 2025 Gina Khafif Levinzon

Editora Edgard Blücher Ltda.

*Publisher* Edgard Blücher

*Editor* Eduardo Blücher

*Coordenação editorial* Rafael Fulanetti

*Coordenação de produção* Ana Cristina Garcia

*Preparação de texto* Ariana Corrêa

*Diagramação* Mônica Landi

*Revisão de texto* Lígia Alves

*Capa* Juliana Midori Horie

*Imagem da capa* “Mother playing with her child”, Mary Cassatt

---

# Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4ª andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

**contato@blucher.com.br**

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme 6. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras, julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização escrita da editora.

---

Todos os direitos reservados pela  
Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Heytor Diniz Teixeira, CRB-8/10570

---

Levinzon, Gina Khafif

A criança adotiva na psicoterapia psicanalítica / Gina Khafif Levinzon. – 5. ed. rev. ampl. – São Paulo : Blucher, 2025.

192 p.

Bibliografia

ISBN 978-85-212-2667-3 (Impresso)

ISBN 978-85-212-2663-5 (Eletrônico – Epub)

ISBN 978-85-212-2665-9 (Eletrônico – PDF)

1. Psicanálise. 2. Adoção. 3. Psicoterapia. 4. Psicanálise infantil. 5. Psicoterapia infantil. 6. Análise da criança. 7. Crianças adotivas. 8. Família adotiva. 9. Psicoterapia psicanalítica. I. Título.

CDU 159.964.2

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise      CDU 159.964.2

# Conteúdo

Apresentação da 1ª edição	11
<i>Ryad Simon</i>	
Prefácio	15
<i>Gina Khafif Levinzon</i>	
1. O universo da criança adotiva	19
2. A criança adotiva no processo de psicoterapia psicanalítica	55
3. A configuração afetiva da criança adotiva	169
Referências	183

# Apresentação da 1ª edição

Finalmente o trabalho de Gina com crianças adotivas chega à forma de livro. Nunca se sabe quando um trabalho desses começa. Desde os meandros do nascimento como inspiração inconsciente que vai abrindo caminho até a consciência, tudo é mistério. É claro que o acaso é um parceiro inevitável nessas gestações imprevisíveis. Uma ou outra criança adotiva surge no consultório e, quando se dá conta, tem-se várias. O material vai se impondo, e de súbito impele o sujeito inexoravelmente numa direção irresistível. Coincidência? Pressão inescrutável do destino?

Conheci Gina assistindo às minhas aulas de pós-graduação na Universidade de São Paulo (USP). Uma aluna interessada, participativa, dedicada. Depois procurou-me para ingressar num pequeno grupo de supervisão de psicoterapia. Fui assistindo sua evolução gradualmente. Já tenho acompanhado centenas de supervisionandas. Gina se destacava pela intuição, perspicácia, criatividade. Conseguiu combinar bem teoria e desempenho prático. Às vezes antecipava minhas próprias interpretações no grupo de supervisão. Ficava impressionado com seu talento.

Certo dia, pediu-me para ser seu orientador no doutorado. Aquiesci de bom grado e passamos a trabalhar perseverantemente os atendimentos de crianças adotivas em atendimento psicanalítico. Nessas caminhadas conjuntas muitas coisas aprendi. Sobre os atendimentos, gostaria de comentar algumas descobertas instigantes.

Algo que pude verificar no material clínico e que me surpreendeu em todos os atendimentos foi a provável ocorrência do que chamamos de “ferida narcísica”. Isto é, a marca indelével da rejeição do filho pela mãe natural, pela recusa de tê-lo consigo após o nascimento. A recusa da maternidade, quaisquer que sejam os motivos da mãe natural, é vivida pelo filho como um repúdio do merecimento do amor, e ensombrece todos os seus relacionamentos humanos. De que modo a criança sabe ser adotiva – ainda que ninguém o tenha mencionado – é um mistério indecifrável. Alegar que se trata de comunicação inconsciente, nada esclarece. E tentar explicar o desconhecido substituindo-o por uma palavra. A pessoa sabe que foi repelida e esse “conhecimento” a persegue pela vida afora.

Talvez essa ferida narcísica determine outra característica da criança adotiva: a debilidade do vínculo amoroso. Essa peculiaridade se manifesta invariavelmente nos períodos de separação prolongada. Apesar de um paulatino e cuidadoso trabalho psicoterápico, aparando arestas, contendo hostilidades, dando compreensão ao sofrimento psíquico, transmitindo um genuíno interesse pelo paciente; tudo isso dando lugar a uma relação mais amorosa, bastava um período de separação longo – férias, por exemplo – para provocar uma regressão catastrófica. A desconfiança e o ódio do psicoterapeuta traidor – a reedição da rejeição da maternidade – se imiscuía na transferência, pondo a perder um árduo trabalho que precisava ser reiniciado para recompor a sempre precária confiança.

Em tais condições de insegurança perpétua, como consolidar uma identidade? O que pode subsistir permanentemente se a base de sustentação da identidade – o amor da mãe – foi retirado desde o

início? Assim, muitas vezes, o trabalho inicial da psicoterapia psicanalítica consistia em, cautelosamente, desmontar uma fictícia identidade, para, aos poucos, ir construindo uma personalidade consistente.

Diante das particularidades da criança adotiva, Gina teve de se defrontar com não poucas perplexidades. Pude acompanhar, pelo relato das sessões durante as supervisões, algumas iniciativas que Gina tomava e que também me deixavam perplexo, ainda que em outro sentido. Basta um só exemplo. Numa sessão com um pré-adolescente agressivo e imprevisível, num período de hostilidade e negativismo, enquanto o paciente permanecia calado e incomunicável, e quando as interpretações não o demoviam da obstinação silenciosa, após algum tempo a terapeuta toma uma almofada e a atira na direção do paciente. (Ao ouvir esse relato, eu, acostumado à disciplina do psicanalista que deve aguardar passivamente a iniciativa do paciente, e, quando muito, permite-se a única atividade de intervir com a interpretação, senti-me angustiado, mas contive meu ímpeto de fazer uma admoestação de ordem técnica). O paciente, surpreendido com a almofada lançada em sua direção, sai do imobilismo e responde devolvendo o objeto. Quebra-se o impasse e se restabelece o diálogo. O gesto era uma interpretação. Só que do tipo não verbal, isto é, uma forma de comunicação instantânea que só a intuição pode criar. Essa era a Gina que eu apreciava e que me surpreendia.

Algumas vezes, ouvindo Gina apresentar seus relatos, ecoavam longínquos em minha memória as palavras proféticas de Karl Abraham dirigindo-se a Melanie Klein: “O futuro está na análise de crianças”.

*Ryad Simon*

Professor Titular do Departamento de Psicologia Clínica do IPUSP.

Psicanalista, membro efetivo da SBPSP

# Prefácio

Meu interesse pelo universo do adotivo tem sua origem no período em que eu ainda tinha pouca experiência clínica e me foi encaminhada, para ludoterapia, uma primeira criança adotiva. Foi um trabalho intenso, muitas vezes difícil, e que me mobilizou muito em função da grande ambivalência de sentimentos que a paciente apresentava. Representou minha iniciação no campo da adoção, até então distante na minha vida. Esse atendimento durou anos, e me ensinou muito.

Tive a oportunidade de atender, em seguida, outras crianças adotivas e pude me enfronhar novamente em questões que já me eram familiares. Fui percebendo que havia uma constelação de vivências, sentimentos e emoções no trabalho com essas crianças que se destacava, em certos aspectos, daquele realizado com outras crianças e adultos da minha clínica de modo geral.

Com o passar dos anos fui procurada por um número maior de famílias adotivas. Ao procurar substratos teóricos que pudessem enriquecer meu trabalho, descobri que havia poucos estudos sobre esse tema na área clínica, principalmente no que se referia à psicoterapia psicanalítica de crianças adotivas.

Senti a necessidade de poder compartilhar com outros minhas experiências e contribuir para a abertura de horizontes mais amplos na análise de crianças adotivas.

O trabalho que será apresentado neste livro é fruto de observações clínicas realizadas no decorrer de anos de prática psicanalítica e representa a concretização de um projeto que foi nascendo dentro da sala de atendimento, a partir do contato com as crianças.

Este livro baseia-se na tese de doutorado que apresentei ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutora em Psicologia Clínica. Meu orientador no doutorado foi o prof. Ryad Simon, a quem devo eterna gratidão pelos ensinamentos e pela amizade. Os relatos clínicos descritos neste trabalho foram transformados a ponto de evitar a identificação das pessoas atendidas. Procurei dar apenas as informações indispensáveis para o entendimento da dinâmica psíquica das crianças e de suas famílias, com o intuito de preservar o sigilo profissional. Com o passar dos anos, minha forma de trabalhar em psicoterapia psicanalítica foi mudando. Atualmente dou importância especial à experiência emocional presente no brincar em conjunto, relacionada ao desenvolvimento do ser e do tornar-se, como descrito por Ogden (2020) no que ele chama de Psicanálise Ontológica. Nesse sentido, mais do que o significado simbólico do brincar, as experiências da dupla que permitem o desenvolvimento do potencial do analisando ficam em primeiro plano. A compreensão dos conteúdos inconscientes acompanha esse processo, mas sua comunicação ao paciente toma o cuidado necessário para considerar suas condições de absorver e aproveitar aquilo que vai lhe sendo verbalizado. Aprendi muito com todos esses atendimentos e continuo me modificando em função das experiências da clínica, especialmente no que se refere a lidar com as possibilidades, desafios e limites que cada caso traz consigo. Ao mesmo tempo, relendo este livro para esta nova edição, dou-me conta do quanto as questões do mundo adotivo que descrevi são atuais e tocam

profundamente naquilo que é primordial, sentir-se de fato adotado. No decorrer dos anos, escrevi mais livros sobre estes temas (Levinzon, 2018, 2019, 2020) e um grande número de artigos em revistas e capítulos de livros. Este é um campo de estudos profundamente rico e gratificante, e sou grata às pessoas com quem compartilho esse interesse, pacientes, colegas, famílias e profissionais afins.

*Gina Khafif Levinzon*

# 1. O universo da criança adotiva

Na minha experiência profissional tenho notado uma afluência frequente de crianças adotivas encaminhadas para psicodiagnóstico e psicoterapia, sem que a questão da adoção seja necessariamente o problema emergente que leva os pais a procurarem ajuda. Com frequência, as queixas iniciais trazidas como elementos motivadores para um trabalho psicoterápico são dificuldades de aprendizagem, problemas no relacionamento interpessoal e até comportamentos antissociais como furtos ou dificuldade de controle da agressividade. O trabalho com essas crianças mostrou-me que há algumas características semelhantes e específicas, que estão ligadas à sua condição de adotivas, e que podem ser detectadas tanto na realização do psicodiagnóstico quanto na posterior psicoterapia. Observei que há várias questões a serem respondidas e dificuldades no atendimento clínico dessas crianças e suas famílias que merecem um estudo mais aprofundado. A seguir, examinarei o universo da criança adotiva segundo a visão de alguns autores e de minhas próprias observações.

## A adoção

Smith e Miroff (1987), num guia para pais (*You're our child: the adoption experience*), definem adoção como uma invenção social que permite o estabelecimento de relações do tipo pais-filhos entre pessoas que não estão ligadas biologicamente. Para esses autores, a adoção, se bem conduzida, proporciona à criança imagens parentais com quem pode se identificar. A criança, recebendo todos os ingredientes necessários para o desenvolvimento da personalidade, pode crescer normalmente. O amor e a aceitação dos pais adotivos formarão a base para a estabilidade e produtividade na sua vida futura.

A criança pode ser adotada pouco depois do nascimento, ou muitos anos após, e isso parece ter bastante ressonância no desenvolvimento de sua personalidade e no estabelecimento de suas relações objetais. De modo geral, recomenda-se que uma criança seja adotada o mais cedo possível, de modo a tentar evitar maiores problemas no seu desenvolvimento.

A meu ver, o intervalo de tempo e as experiências vividas entre o momento da separação da mãe biológica, e o acolhimento da criança pela família adotiva podem ser fatores marcantes no desenvolvimento da personalidade da criança. Muitas vezes a criança passa por várias pessoas intermediárias ou é internada em instituições até ser adotada, o que contribui para o aparecimento de intensas sensações de desamparo e insegurança.

Na maioria das vezes, a adoção refere-se ao vínculo entre uma criança que foi abandonada por seus genitores e um casal que não pôde ter filhos biológicos, por apresentar problemas de esterilidade. Esse vínculo possibilita que a criança tenha o papel de filho, e esse casal o papel de pais dessa criança.

O tema da adoção pode ainda ser descrito como constituído pelo encontro entre um casal que tentou e não conseguiu conceber um filho (ruptura vincular biológica com a descendência) e com o filho

de um casal que o concebeu e não o criou (ruptura vincular biológica com a ascendência) (Schejtman, 1990). Para este autor, a adoção determina a criação de um espaço vincular fundante de um encontro que reúne desencontros biológicos, ausência de vínculos de consanguinidade e conteúdos relacionados com abandono do adotado e com o filho não concebido do casal estéril. Esses desencontros qualificam histobiograficamente a dinâmica vincular do encontro.

Pode-se dizer que a adoção envolve situações muito dolorosas para a criança e para os pais. Brinich (1980) afirma que a adoção de uma criança é, em termos humanos, sempre um evento doloroso e potencialmente traumático. Na nossa cultura, a adoção acontece apenas quando alguma coisa importante falhou: um ou os dois pais morreram, ou não tinham condições de cuidar do filho que conceberam. Do lado dos pais adotivos, a decisão de adotar uma criança frequentemente se segue a anos de fracassos nas suas tentativas de conceber a sua própria criança. Esses fracassos podem estar baseados em anomalias fisiológicas ou conflitos psicológicos, e os pais têm que considerá-los para optar pelo caminho da adoção.

A adoção foi descrita por alguns autores (Feder, 1974 e MacDonnell, 1981) como um trauma que marca a vida da família que adota e da criança, considerando o relacionamento familiar e sua inserção no macrocosmo social. Segundo esse ponto de vista, as vicissitudes do triângulo adotivo fazem com que as dores da adoção sejam mais fortes que “as do trabalho de parto”. Penso, no entanto, que seria mais apropriado falar em trauma quando nos referimos aos motivos que determinam a adoção: o abandono da criança pelos progenitores, devido à sua impossibilidade de mantê-la, e o drama de um casal que não consegue gerar um filho. A adoção em si é uma solução que proporciona a ambos os lados possibilidades de superar essas dificuldades e encontrar situações de vida mais satisfatórias.

Observam-se os mais variados tipos de atitudes e julgamentos em relação a crianças e pais adotivos. Como afirma Piccini e Marquês de Sá (1984):

*Bem sabemos que o adotado não deixa indiferentes as pessoas: algumas o sentirão dotado de certo fascínio pelo seu misterioso passado; outras o julgarão merecedor de amparo suspeitando antigas desproteções; outras, mais preconceituosas, o julgarão inevitavelmente marcado por características negativas...*

*Quanto aos adotantes, eles também terão, às vezes, de suportar chavões do tipo “a verdadeira mãe é só quem botou no mundo”, chavão este que se tem incontestável confirmação no plano biológico, nem sempre o terá dentro de uma visão mais ampla que inclua fatores educativos, psicológicos, afetivos e interpessoais. (p. 2)*

Nos Estados Unidos, uma série de guias para pais adotivos procuram responder a questões e dúvidas comumente levantadas pelos pais (Smith & Miroff, 1987; Melina, 1986; Schaffer & Lindstrom, 1989; e Arms, 1990). Na Argentina, encontramos alguns como os de Ferreyra (1988) e Kweller (1991). Esses trabalhos se referem à adoção como uma experiência gratificante, para pais e filhos, mas ressaltam a necessidade de os pais adotivos poderem considerar que existem diferenças significativas entre uma família adotiva e uma família biológica. Para Melina (1986), a principal diferença é que a criança tem outro casal de pais, o que não é típico na nossa cultura, e às vezes é difícil ela entender isso. Em geral, as crianças crescem considerando que a maioria das crianças moram com os pais que as conceberam, e, os pais, por sua vez, também cresceram imaginando que viveriam com crianças “nascidas deles”. A maioria das pessoas, tanto férteis quanto inférteis, não inclui em suas representações e fantasias de

família o tema adoção. Assim, a família adotiva se vê exercendo um papel inesperado. Considerar as diferenças entre a família adotiva e a biológica, incluindo as “dores” envolvidas, permite que os pais possam estar mais sensíveis aos sentimentos de suas crianças, mais abertos às suas questões e, conseqüentemente, mais aptos para perceber suas necessidades.

Surge aqui uma questão polêmica: teria a criança adotiva, por sua condição, maior tendência a apresentar problemas psicológicos ou de inadaptação social, escolar ou familiar, comparada a crianças não adotivas? As opiniões encontradas na literatura psicanalítica são divergentes, como mostrarei a seguir.

Segundo Nickman (1985), a literatura em psiquiatria, psicanálise e trabalho social nos últimos 40 anos atesta que há diferenças entre a experiência de vida de pessoas adotivas e a de outras pessoas, e que essas diferenças frequentemente se manifestam sob alguma forma de psicopatologia. O autor acredita que os adotados são mais vulneráveis, embora a literatura atual sobre adoção seja confusa: alguns trabalhos enfatizam a patologia na família, outros o trauma inerente à adoção, enquanto outros ainda falam de pressões sociais sobre as famílias adotivas. A vulnerabilidade das pessoas adotivas a problemas emocionais é também apontada por Wieder (1977a), que cita pesquisas que revelam uma incidência de 15 a 30 por cento de adotados na população psiquiátrica, o que excede os dois por cento de incidência apontados pelo censo geral.

Brinich (1980) acredita que a adoção provoca danos específicos ao desenvolvimento da criança, o que pode ser comprovado pelo fato de que as crianças adotivas são encaminhadas para tratamento psicológico duas a cinco vezes mais do que as não adotivas, em países diversos como Inglaterra, Israel, Polônia, Suécia e Estados Unidos. Além disso, parece haver uma tendência consistente na sintomatologia das crianças adotivas que são encaminhadas para tratamento. Na grande maioria dos estudos, os sintomas apresentados se referem a

comportamentos impulsivos, provocativos, agressivos e antissociais. Brinich acrescenta que não há unanimidade na associação entre adoção e desenvolvimento psicopatológico e que, apesar de todas as dificuldades, a adoção é de grande valor físico, social e psicológico para todas as partes incluídas. A adoção, neste sentido, é uma ótima solução social para a criança indesejada.

Uma visão bem pessimista dos resultados da adoção é apresentada por Feder (1974), para quem essa é uma questão sempre preocupante. Esse autor aponta manifestações sintomáticas comuns no adotado: impulsos e distúrbios de caráter e afirma que “os adotados representam uma parte significativa da população das clínicas psiquiátricas, reformatórios, penitenciárias, hospitais psiquiátricos e pessoas que tentam o suicídio” (p. 493). Aqui novamente me parece que o “problema” não é a adoção, mas a separação entre pais e filhos, numa época precoce da vida destes, e a impossibilidade de alguns casais de se realizarem no plano normal biológico. Creio que as feridas narcísicas decorrentes desses infortúnios é que são responsáveis pelos distúrbios observados. Além disso, pode haver dificuldades importantes no relacionamento com os pais adotivos por não estarem devidamente preparados para o processo de adoção. Para crianças que já apresentam o trauma inicial da separação dos genitores ou situações vividas de abandono e maus-tratos, dissonâncias pronunciadas na relação com a família adotiva podem representar elementos extremamente perturbadores.

Garma et al. (1985b) citam observações que mostram um incremento na atividade sexual e agressiva em crianças adotivas, vistas como o resultado de separações precoces, múltiplas colocações da criança em ambientes distintos e descobrimento do status de adotivo tardiamente na infância. Essas observações concordam com Sorosky et al. (1975) que concluíram, a partir de suas pesquisas, que os adotados são mais vulneráveis a conflitos de identidade na adolescência e idade adulta do que a população em geral.

Uma outra corrente de pesquisa do universo da criança adotiva não encontra diferenças significativas na frequência de patologias encontradas. Stein e Hoopes (1985) estudaram um grupo de adotados comparando-o com outro de não adotados, e não encontraram diferenças significativas nos escores de identidade. Da mesma maneira, Smith e Miroff (1987) alertam os pesquisadores quanto a generalizações sobre os adotados provindos de uma população clínica.

Para Diniz (1993), a criança recebe de seus pais, adotivos ou não, cuidados, proteção e afeto. A relação se organiza a partir da função parental e nessa interação têm peso as atitudes e fantasias profundas dos pais, sobretudo da mãe, nos primeiros anos. Isso, entretanto, não é específico da adoção e pode se afirmar de maneira genérica em todos os casos. Assim, se os pais adotivos vivem a adoção, nos seus vários aspectos, de uma forma perturbada, a relação com o filho poderá apresentar turbulências, o que pode suceder com quaisquer outros pais que não sejam adotivos. Assim, os filhos adotivos não terão problemas se os pais adotivos não os tiverem, ou, ainda, pais adotivos inadequados seriam também, provavelmente, pais biológicos inadequados.

Creio que uma questão importante a ser enfatizada é não atribuir todos os problemas observados numa criança à questão da adoção. A situação de adoção fica como pano de fundo sobre o qual há intrincadas relações pessoais e familiares que, às vezes, determinam patologia. É mais apropriado afirmar que as fantasias relativas à adoção se entrelaçam com os complexos meandros do psiquismo.

Ajuriaguerra (s.d.) afirma que a maioria dos autores que acompanharam longitudinalmente a evolução intelectual de crianças adotivas, concordam que se desenvolvem normalmente e que esta depende, na verdade, da atitude dos pais adotivos, das solicitações culturais e do clima familiar no qual a criança cresceu. O seu desenvolvimento psicossocial e afetivo depende de múltiplos fatores, entre os quais se destacam, sobretudo, a atitude dos pais adotivos – quase



**Este livro nasceu de uma longa e envolvente experiência** em psicoterapia psicanalítica com crianças adotivas e nele o leitor é convidado a viajar pelo psiquismo infantil, influenciado pelas vicissitudes da adoção. São examinadas características peculiares e comuns à criança que passou por uma separação precoce de seus pais biológicos, assim como as marcas remanescentes em seu mundo afetivo, estas últimas influenciando de forma profunda sua maneira de olhar o outro e a si mesma.

A angústia de separação, a necessidade de elaborar as falhas básicas, a integração da instintividade e da agressividade são temas que se destacam na jornada analítica. O universo da família adotiva é examinado e são levantadas questões instigantes quanto à atuação do psicoterapeuta e à sua contratransferência.

As observações clínicas realizadas nas sessões de análise são relatadas e comentadas passo a passo, o que permite a reflexão sobre características possíveis de serem encontradas em crianças adotivas, da forma como se manifestam no processo psicoterápico.

O livro destina-se a psicólogos e profissionais afins que se interessem por esse tema universal que é a adoção, mais especificamente na criança adotiva atendida em psicoterapia psicanalítica.

PSICANÁLISE

ISBN 978-85-212-2667-3



9 788521 226673



[www.blucher.com.br](http://www.blucher.com.br)

**Blucher**



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

## A criança adotiva na psicoterapia psicanalítica

---

Gina Khafif Levinzon

ISBN: 9788521226673

Páginas: 192

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2025

---